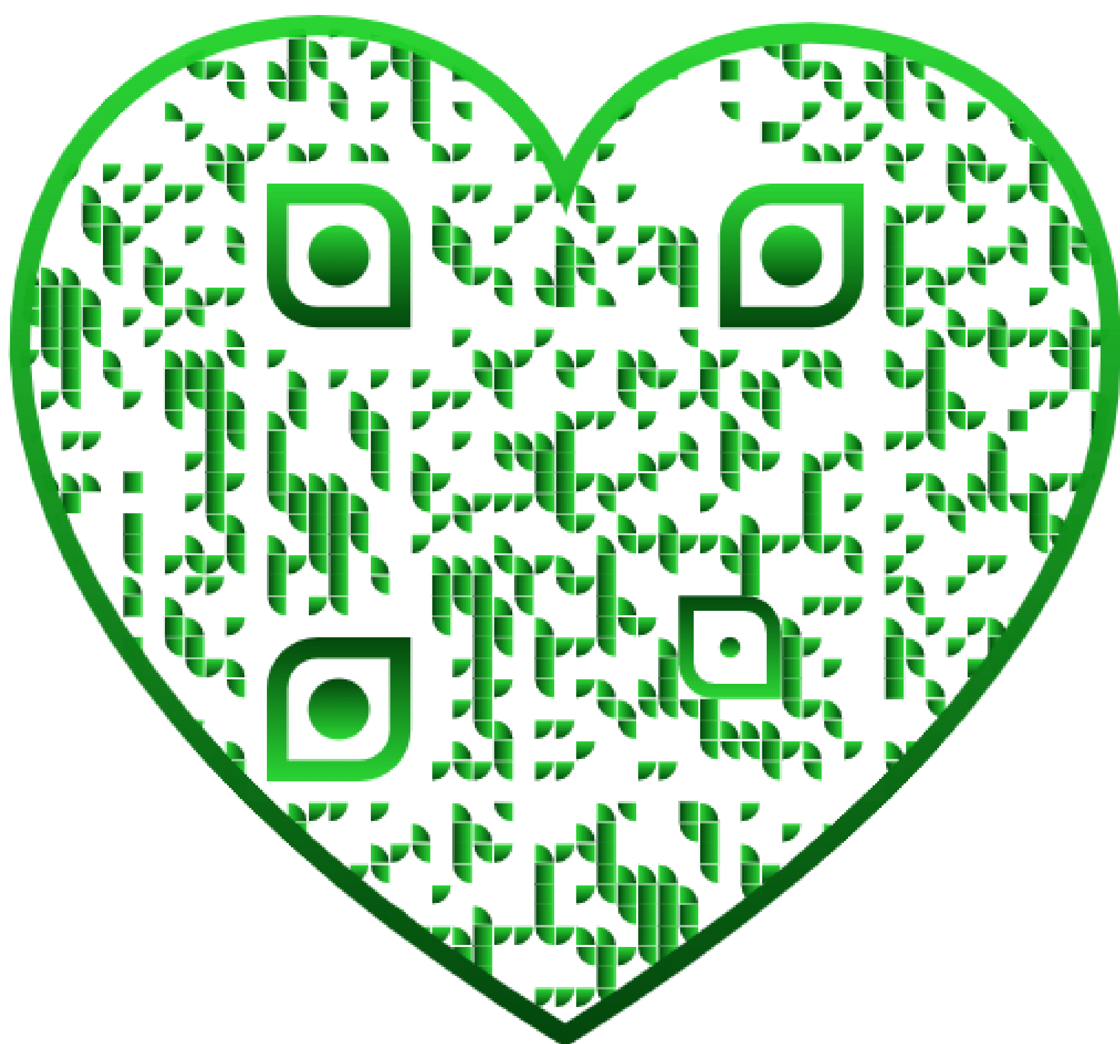
Pedro Bandeira

DESCANSE EM PAZ,
meu amor…

1997



Quanta coisa acontece na nossa vida e não conseguimos entender nem arrumar explicações… Nessas horas sempre achamos que o responsável é o destino, o anjo, a sorte ou… o sobrenatural. Está aberto um caminho para o medo!

Este livro de Pedro Bandeira mostra muitas dessas experiências que ninguém explica e coloca em foco a amizade de um grupo de jovens. Num cenário misterioso, os calafrios são os companheiros de qualquer leitor que se aventure em suas páginas.

Quando eu li a passagem em que o Alexandre chegou na casa velha, com tudo escuro e uma chuva intensa, fiquei intrigado. A turma toda estava deprimida, cheia de segredos e com um comportamento esquisito. Nessa altura eu não supunha que as dúvidas iriam me seguir até o final da história. Nem o romance de Márcia e Alexandre conseguia romper o clima de tensão. Eu não entendia por que era tão importante para cada personagem expor sua opinião a respeito do sobrenatural. E você só vai saber quando ler o livro, porque eu não vou contar.

O que posso fazer é desejar coragem e… boa sorte!

O Editor

Há muita coisa que a gente não consegue explicar. Algumas, como as deste livro, nos deixam gelados de pavor. Mas o principal assunto desta história é a amizade, aquilo que a gente não precisa explicar.

Pedro Bandeira

“Dedico este livro à minha querida amiga Janaína de São Pedro, do Rio de Janeiro.”

Sumário

1. Noite gelada de medo ____ 04

2. Histórias de terror ____ 08

3. A história de Geraldo ____ 11

4. O amor que supera a própria morte ____ 17

5. A história de Ludmila ____ 19

6. Morte solitária ____ 24

7. A história de Débora ____ 26

8. Eu tenho de acreditar ____ 31

9. A história de Sílvio ____ 33

10. A história de Márcia ____ 39

1 Noite gelada de medo

"A previsão para amanhã é de tempo instável, com queda acentuada da temperatura. As chuvas continuarão durante todo o período e a temperatura deve cair ainda mais. Ventos fortes do sul trazem mais uma massa de ar frio que…"

O estrondo de um raio, seco, rascante, invadiu o velho casarão acompanhado do clarão azulado do relâmpago com sua luz assustadora.

No mesmo instante, o grupo de jovens reunido à frente do pequeno televisor ouviu um estalo vindo do quadro de luz.

A imagem desapareceu da tela.

— Pronto! Estamos no escuro de novo! — lamentou Sílvio. — Outra noite à luz de velas…

Sucedendo ao raio, o ruído do trovão invadiu a sala, fazendo tremer as vidraças.

Um arrepio eriçou a pele de todos. E eles sabiam que não era de frio.

Márcia, enrodilhada no velho sofá, abafou um gemido que ia explodir-lhe na garganta e afundou o rosto entre os braços. No escuro, ninguém percebeu.

Ludmila levantou-se, com as mãos e os olhos para o alto, como se reclamasse com o responsável pelas tempestades:

— Que férias, meu Deus, que férias!

Começou a tatear, na direção da cozinha, em busca de velas, e esbarrou em um corpo forte, que ia fazer a mesma coisa.

Era Sílvio. Ludmila abraçou-se a ele. Tremia de desespero.

— Calma… — sussurrou o amigo, acariciando-lhe os cabelos. — Tudo vai acabar bem.

— Alguém pode fechar direito essas janelas? — pediu Paulinho, timidamente. — A gente vai enlouquecer com o assobio desse vento…

— Não adiante, Paulinho — a voz grave de Geraldo ecoou pela sala. — Essa casa velha está cheia de frestas.

— É a harpa do demônio! — cortou Débora, como se praguejasse.

— Cala a boca, Débora! Por favor… — pediu Márcia.

Sílvio voltou da cozinha já com uma vela acesa. A luz mortiça iluminava-o fracamente por baixo, dando-lhe uma expressão fantasmagórica.

O rapaz enfiou a vela em um castiçal e acendeu mais duas.

A luz que conseguiu era pouca, mas fez aparecer os rostos preocupados dos seis amigos.

Aconchegavam-se no centro da sala, vestindo todos os agasalhos que haviam trazido. Quem não cabia no velho sofá e nas duas poltronas recostava-se nas mochilas e sacos de dormir espalhados sobre o tapete em ruínas. Latas de conserva abertas, mal tocadas, mostravam a falta de apetite de todos.

O vento, encontrando inúmeras frestas por onde passar, sacudia as chamas das velas, fazendo dançar sombras e clarões amarelados nos rostos pálidos dos seis.

Ninguém falou. O medo calava suas bocas.

Aquele nem parecia um grupo de jovens em férias. A atmosfera gelada, úmida, correspondia ao estado de suas almas.

Haviam planejado férias na montanha, numa paisagem linda, de mata fechada, no sopé de uma escarpa alta. Haviam trazido comida para um mês e até o pequeno televisor, agora inútil. O espírito aventureiro do grupo tinha escolhido aquele lugar distante para justamente levar de volta à cidade a glória de ter escalado aquela escarpa.

Mas a aventura transformara-se em pesadelo.

Para adiar a fuga daquele pesadelo, a tempestade destruíra a ponte de madeira que passava sobre o riacho. E há uma semana estavam ilhados no casarão que haviam alugado para a temporada.

Era uma casa velha, muito mais estragada do que lhes dissera o corretor. Os encanamentos rangiam nas paredes como artérias entupidas e o mofo cobria de nódoas todos os cantos, denunciando a umidade.

Devia ter sido a sede de algo importante, um dia, perdido no passado. Na certa uma sede luxuosa, como podia ser verificado pelos destroços de um coreto no jardim e pelo pequeno cemitério particular, no alto de uma pequena elevação, a duzentos metros da casa.

Um cemitério particular! Aquela fora talvez uma casa tão rica, que seus ocupantes não se misturavam com o povo, nem depois da morte…

Se o sol de inverno tivesse brilhado naqueles dias, o desconforto seria mais uma razão de farra para aqueles jovens. Mas chovia sem parar havia quase uma semana e…

Naquele instante, a porta abriu-se com um baque escandaloso.

Junto com o vento que, livre, uivou para dentro, trazendo folhas molhadas e o gelo lúgubre da chuva, surgiu a bela figura de Alexandre, recortada pelo clarão de um raio às suas costas.

— Oi, pessoal, que cara é essa? Isso aqui até parece um velório!

Com dificuldade, empurrou a porta e o vento para fora.

— Eu disse: oi, pessoal!

Os dentes lindos brilhavam, num sorriso largo, encantador.

Márcia olhou fascinada para o rosto do namorado. Côo sempre, a alegria era a marca registrada daquele jovem, aumentando sua beleza física. Alexandre muito bem poderia ter feito carreira como modelo de comerciais de televisão. Vendo uma expressão como aquela, na certa todo mundo compraria qualquer pasta de dentes, qualquer refrigerante, qualquer produto que fosse anunciado por sua imagem alegre e simpática.

O rapaz entrou gingando, malemolente, e aproximou-se da turma.

— Que tempinho, hein?

Ninguém tinha respondido ao seu cumprimento. A luz das velas fazia perceber o branco dos olhos de todos, que se erguiam para o amigo, calados, na expectativa.

— Como é? Estamos sem luz de novo? Quer dizer que não vai dar nem para ouvir um som? Nem a tevê? Ah, então o jeito vai ser a gente cantar, né?

Jogou-se de cócoras no tapete esburacado e imundo que delimitava o grupo.

— É nessas horas que eu me arrependo de nunca ter aprendido violão. Mas vamos lá, sem acompanhamento mesmo. O que via ser?

Ludmila levantou-se num repente. Rígida, procurando conter o tremor de todo o corpo, quis falar alto. Sua boca, porém, parou aberta por um segundo e ela só conseguiu balbuciar:

— Alexandre… deixa a gente em paz…

A gargalhada franca de Alexandre sobrepôs-se aos ruídos da tempestade.

— Ah, ah! Paz? Que besteira, Ludmila! Nossa turma é do barulho. Nós somos os sete tremendões, ou não? Quem gosta de paz e chazinho quente é coroa!

Nenhum dos amigos correspondeu à gargalhada. Alexandre fingiu-se chateado:

— Ah, pessoal, que astral é esse? Vocês vão se deixar impressionar por uma tempestadezinha dessas? Que caretice! Vocês parecem crianças de maternal, tremendo cada vez que ouvem um trovão! O que pode acontecer de mau à gente? A casa é velha mas, se não desmoronou até agora, não vai cair nunca. Vamos espantar o baixo-astral, turma. Amanhã essa chuva pára e a prefeitura conserta a ponte.

Ludmila resmungou:

— Essa chuva não vai parar nunca, nunca…

Como se fosse o bufão de um reino distante que tentava alegrar o humor do rei, Alexandre rolou para o lado da garota e pegou seu rosto com as duas mãos.

— Ludmila-lá! Ludmila-lá-lazinha! Parece uma criancinha com medinho de trovãozinho!

— Ahn… me mexia, Alexandre, pelo amor de Deus…

— Ah, ah! Estou só imaginando a cada da turma da escola quando a gente voltar e eu contar pra todo mundo que o famoso grupo dos sete tremendões do terceiro colegial ficou choramingando feito bebezinhos que perderam a mamãe no parque de diversões! Ah, ah!

Do meio do monte de mochilas e sacos de dormir que se amontoavam sobre o tapete, ouviu-se um soluço.

Alexandre pegou uma das velas e, andando de joelhos, aproximou-se de Paulinho, encolhido como se o teto fosse desabar sobre sua cabeça.

— O que foi, Paulinho? Epa! Você está chorando? Mas… o que é isso?

Sílvio moveu-se rapidamente e enlaçou o corpo de Paulinho, que se agarrou no amigo, como se fosse a saia da mãe.

— Deixe o menino em paz, Alexandre! Por favor! Ele… ele está com medo…

Dessa vez Alexandre titubeou. A chama da vela sacudiu-se em sua mão enquanto ele abria os braços, num gesto largo, sem entender a razão de tudo aquilo:

— Ei, mas não é para tanto! Vamos devagar, pessoal. A gente não tem por que sentir medo. Falando sério! Só por causa de uma tempestade? De uma ponte caída? Ora, a gente não vai ficar nessa casa para sempre. Não vamos exagerar. Medo de quê?

A voz de Geraldo trovejou:

— Medo do sobrenatural, Alexandre…

2 Histórias de terror

Alexandre quase perdia o fôlego de tanto rir:

— So-bre-na-tu-ral? Ah,ah! É o que dá ver tanto filme de terror na televisão!

Geraldo era o grandão. Pivô do time de basquete da escola, parecia pesar uma tonelada. Sua voz também parecia pesar uma tonelada, mas era suave e calma.

Mal iluminado pela chama das velas, Geraldo insistiu, com a determinação de quem quer convencer alguém de uma verdade absoluta:

— O sobrenatural, Alexandre. É preciso acreditar no sobrenatural. Não estou falando em filmes de terror. Estou falando de alguma coisa que tem algum tipo de existência. Nunca acreditei nisso, mas acho que agora todos nós temos de acreditar. Principalmente você, Alexandre…

— Eu?! Por que eu? Deixe de bobagem, Geraldo. Não me venha com vampiros, almas de outro mundo e fantasmas. Vocês podem estar assombrados com esse clima todo, de escuros, solidão e tempestades. Eu não!

Sílvio era uma espécie de líder do grupo. Um ano mais velho, fora ele quem reunira aqueles amigos, desde o primeiro grau. Fez-se ouvir:

— Não sei como fazê-lo entender, Alexandre. Mas eu também estou achando que existem fantasmas…

— Até você, Sílvio? Os únicos fantasmas que eu acredito são aqueles de parque de diversão, feitos de cera, vestidos com trapos de filó esvoaçantes e iluminados com luzes fracas para dar medo em criancinhas de colo. O resto é bobagem de gente ignorante!

Ninguém respondeu.

Alguém suspirou, desanimado, no meio do grupo.

Parara de trovejar. Mas a chuva estava pesada, pinicando incessantemente o telhado. Em algum lugar, uma telha quebrada permitia uma goteira que ressoava batendo na madeira do assoalho em um dos cômodos vizinhos.

— Estão vendo? — mostrou Alexandre com seu otimismo incorrigível. — Até os trovões silenciaram. Ouçam que chuvinha gostosa! Uma delícia adormecer com esse barulhinho no telhado, não acham?

Pelo jeito, ninguém tinha vontade de dormir. E nenhum deles estava achando “gostosinho” aquele barulho de chuva no telhado.

O rapaz aconchegou-se ao corpinho encolhido de Márcia. A garota não olhou para ele.

— Ei, boneca… — sussurrou Alexandre. — Vem cá, amorzinho…

O corpo de Márcia tremia.

— Está com frio? Vem cá, minha gatinha… Vem cá que eu te esquento…

Abraçou a menina. A jaqueta que ela vestia era espessa, de alpinismo, e a pele adorada de Márcia estava coberta demais. Alexandre queria tocá-la.

— Hum, gatinha… vem cá… eu adoro você…

— Ahn… Alexandre… não… por favor…

Surdo àquele não, o rapaz enfiou o braço por baixo da jaqueta da namorada. Dedilhou carinhosamente para afastar-lhe a camiseta e alcançar a pele morna das costas.

— Vem cá…

Num repente, Márcia retraiu-se, rolou de lado e foi abraçar-se a Débora.

— Não! Alexandre, por favor!

O rapaz ajoelhou-se no tapete e protestou falando para todos:

— Estão vendo o que vocês fizeram? Assustaram a Márcia com essa história de fantasmas e não sei o que mais! Como é possível namorar com um astral desses? Ah, vocês parecem minha tia! Já falei dela pra vocês? É metida com espiritismos e essas coisas todas. Vive falando em almas penadas, em espíritos sofridos…

— Talvez sua tia saiba das coisas, Alexandre — era a voz de Débora. — Você devia acreditar mais no que ela lhe contou…

— E aí — completou Ludmila — talvez deixasse a gente em paz…

Alexandre abriu os braços, teimosamente alegre:

— Vocês são é mal-agradecidos! Se eu deixar vocês em paz, acho que vão até fazer xixi nas calças de tanto medo. O que eu quero é alegrar vocês e espantar esse pânico ridículo. Vamos lá! Com alegria, a gente pode esquentar esse frio!

Normalmente, uma proposta de farra faria aquela turma pegar fogo, qualquer que fosse a temperatura externa. Mas, daquela vez, a resposta de todos foi um silêncio tão grande que piorava ainda mais o clima apavorante daquela noite.

— Você quer que a gente cante, Alexandre? — veio a voz de Débora, um fio de voz. — Não estamos com disposição para cantorias. Acho que uma noite como essa só serve para histórias de terror…

o comentário de Débora foi como uma dica para Sílvio:

— Boa idéia… Histórias de terror! Por que não conta algumas das histórias da sua tia, Alexandre?

— Vocês ficaram malucos mesmo! Imaginem se eu prestava atenção àquelas bobagens!

— Mas essa pode ser até uma boa idéia — continuou Sílvio. — Lembram-se do que a nossa professora de português do ano passado falou das bruxas e dos lobos maus das histórias infantis? Ela disse que era o tal "medo literário" que as crianças sentem ao ouvir essas histórias é bom para o amadurecimento emocional delas. É uma espécie de catarse, ela disse. Então, talvez fosse bom contarmos histórias de terror, não é? Para espantar o medo…

Alexandre gozava qualquer sugestão:

— Boa, Sílvio! Para espantar medo de criancinhas, nada como uma boa história de bruxas. Então, qual vai ser? Que tal "Chapeuzinho vermelho"? Ou "João e Maria"? Que delícia de história infantil a de "João e Maria", não? Ah, ah! A bruxa captura os dois menininhos e os tranca em uma gaiola, até que engordem para serem assados como leitõezinhos… Depois, os dois jogam a bruxa na panela e a cozinham em azeite fervente! Que "delicadeza" de historinha, não?

— Está bem, Alexandre — interrompeu Geraldo. — Você já contou a sua história de terror. Agora é a minha vez.

— Boa, Geraldão! Agora conta a "Cinderela". Adoro aquela história do sapatinho de cristal…

Geraldo sacudiu a cabeça, tentando livrar-se das gozações de Alexandre.

— O que eu vou contar aconteceu mesmo, com o meu trisavô, e a família vem falando disso há gerações. Nunca dei muito crédito a ela, justamente como você, Alexandre…

3 A história de Geraldo

Chovia como um anúncio do fim do mundo e a parelha de fortes cavalos arrastava com dificuldade a pequena carruagem pela estrada enlameada.

Açoitado pela chuva, conseguindo ver a estrada somente a cada vez que o clarão de um relâmpago espoucava como um *flash*, iluminando o negror absoluto da noite, o cocheiro gritava com os cavalos, tentando controlá-los e fazendo estalar as rédeas em suas ancas.

No interior da carruagem, Antônio Rebouças, o famoso doutor Rebouças, não conseguia manter-se seco, pois as pequenas cortinas, encharcadas, eram batidas pelo vento para dentro da cabine, como se quisessem esbofeteá-lo.

Ele sabia ser uma loucura parar à beira da estrada para esperar o fim da tempestade. Era preciso que os cavalos conseguissem levar a carruagem até a pequena estalagem, algumas léguas adiante.

Na estalagem, ele e o cocheiro poderiam secar-se e tomar um caldo quente. Dormiriam até a manhã seguinte e o médico sabia que sua esposa não haveria de preocupar-se. Era normal, em sua profissão, impor períodos de solidão à família.

Voltava de um parto complicado que lhe dera trabalho até a madrugada, e estaria satisfeito com o pequenino varão que ajudara a vir ao mundo se aquela tempestade não tivesse desabado com tanta fúria.

Pensou na exaustão daquela noite. O bebê estava virado dentro do útero e ele pôde sentir que o cordão umbilical estrangulava-lhe um dos bracinhos. Não teria condições, naquela casa de fazenda distante, de fazer a operação dos césares. Se ele tentasse cortar o ventre da mãe para livrar o filho, talvez salvasse o bebê, mas a mãe morreria, na certa.

Lembrou-se do rosto pálido da mulher, gemendo de dor e esbugalhando os olhos para ele, suplicando por duas vidas.

Ele conseguira, com as mãos, virar o bebê e desembaraçar o cordão umbilical. Em seguida, o nascimento ocorreu normalmente, operando o milagre que são todos os nascimentos. Um milagre que nunca deixava de fasciná-lo.

Se o tempo não estivesse tão desastroso, ele na certa voltaria dormitando no ritmo do sacolejar da carruagem e sorrindo feliz com mais aquele sucesso na profissão que escolhera.

Ele gostava de sua profissão. Sabia que nascera para aquilo. Para lidar com a dor, para desafiar a morte.

"A morte…", pensava ele. "A morte deva andar aborrecida comigo. Ela sempre acaba vencendo, mas muitas vezes eu consigo adiar a hora marcada… Só que ainda sei tão pouco, tão pouco…".

De repente, um tranco afastou-o de seus pensamentos.

O cocheiro gritava com os cavalos e puxava as rédeas com força.

Sentindo a dor dos cabrestos a apertarem-se contra suas bocas, os cavalos estacaram bruscamente, empinado e fazendo a carruagem rabear na lama.

O doutor Rebouças debruçou-se na janela, recebendo a chuva em meio corpo como se estivesse em um chuveiro. Sua cartola voou, arrancada por um tapa do vento.

O clarão de um raio, mais forte do que todos, iluminou de branco-azulado toda a estrada à frente, revelando rochas nuas que se elevavam à esquerda da estrada e, à direita, despencavam para baixo, a pouco mais de meio metro de onde se debruçava o médico.

Mas, à frente da carruagem, ocupando o centro do clarão, como a principal figura de um quadro, dava para perceber um vulto.

Do vulto, parecia vir um grito, desesperado.

De braços estendidos para a frente, o vulto parecia querer deter a carruagem, bloqueando a estrada com seu corpinho frágil.

— Uma criança! É uma criança!— gritou o doutor Rebouças, descendo apressado.

Passou pelos cavalos, a custo contidos pela força das rédeas, e correu para a pequena figura.

Dela, uma vozinha frágil fazia-se ouvir:

— Por favor…

Uma menina! Devia ter uns nove ou dez anos. Molhada até os ossos em seu vestidinho leve, olhava com desespero para o doutor.

O médico tirou rapidamente o próprio sobretudo. Estava molhado por fora, mas a lã grossa deixara-o seco por dentro. Abraçou a criança envolvendo-a com o casaco.

— Menina! O que você está fazendo…

— Por favor, meu senhor, por favor, meu senhor! — era só o que conseguia repetir a menina, pálida de frio e pavor.

Sentindo a chuva a atravessar-lhe o paletó, o colete e colar-lhe a camisa às costas, o médico pegou a menina nos braços e voltou para a carruagem.

Tremendo, a criança soluçava contra seu peito.

Deitou-a no banco da carruagem e começou a esfregar-lhe vigorosamente os bracinhos com um pano seco. Uma pneumonia seria um

resultado bastante possível para uma criança fraquinha como aquela, exposta a um tempo como aquele.

— O que você está fazendo, na estrada, no meio de uma tempestade dessas? — perguntou ele, só para ouvir a menina falar. Se falasse, se se aquecesse, o prognostico poderia ser certamente melhor.

Mas os lábios da menina, tremendo de frio, só conseguiam repetir a mesma coisa:

— Moço, por favor, moço…

— Calma, minha filha…

— Socorra, por favor! A mamãe… um desastre…

— Um desastre? O que aconteceu?

Os olhos da menina brilhavam na escuridão do interior da carruagem. Suas mãozinhas apertavam com força a mão do médico.

— Ali adiante… A carruagem caiu na ribanceira. A mamãe! A mamãe está lá. Está muito machucada, mas está respirando. Eu consegui subir até a estrada… É preciso correr. Por favor, moço, salve a mamãe!

Um desastre! Com aquele tempo! Não havia tempo a perder.

O médico tentou acalmar a criança:

— Fique calma, menina. Pode deixar. Nós vamos achar a sua mãe. Sou médico. Tenha confiança.

— Obrigada. Depressa, moço!

— Fique aqui dentro. Vou subir à boléia com o cocheiro e…

— Não! — cortou a menina. — Vou junto. Nessa escuridão, o senhor não vai encontrar o lugar certo.

O médico olhou para fora, para baixo, em direção ao despenhadeiro que ladeava a estrada. Era verdade. Sem alguém que lhe indicasse o local onde acontecera o acidente, seria impossível descobrir a carruagem caída antes do amanhecer.

— Está bem, querida. Venha comigo.

Ainda carregando a garotinha, Rebouças subiu à boléia.

— Julião! Vamos em frente. Faça os cavalos trotarem. Esta menina escapou viva de um acidente.

— Pela virgem! — exclamou o cocheiro.

— Ela diz que foi um pouco mais adiante. Vamos devagar. Ela diz que a mãe dela está lá. E que está viva. Vamos!

O cocheiro sacudiu as rédeas, fazendo os cavalos moverem-se a trote.

Dali em diante, a estrada descia um pouco e dava em uma curva.

Rebouças forçava os olhos, tentando perceber algum indício do acidente, mas a escuridão era completa.

Já tinham avançado uns duzentos metros quando a menina gritou, apontando para baixo.

— Ali! Pare, moço. Mamãe está ali!

O cocheiro deteu os cavalos e desceu rapidamente da boléia. Amarrou as rédeas em um toco do lado esquerdo, junto ao morro.

— Julião — chamou Rebouças. — Você trouxe a lanterna?

— Claro, doutor.

O cocheiro pegou a lanterna embaixo do banco. Era uma caixa de vidro, com moldura de ferro. Rebouças, com dificuldade, conseguiu acender a mecha e tapar a lanterna de novo, antes que o vento a apagasse. Sem alguma luz, jamais conseguiria encontrar a carruagem caída.

A luz amarelada, fraquinha, iluminava apenas um círculo de dez metros de diâmetro. O suficiente para que os dois homens percebessem na lama as marcas fundas de roda que perdiam a curva e dirigiam-se para o despenhadeiro.

— Lá embaixo, moço, veja!

Rebouças debruçou-se na margem da estrada estendendo o braço com a lanterna pesada.

A chuva continuava forte, dificultando ainda mais a visão do despenhadeiro.

— Ali! Veja, doutor!

Na direção para onde apontava o cocheiro, Rebouças percebeu uma mancha clara no maio das moitas que cobriam o despenhadeiro.

Voltou-se para a menina:

— Pronto, querida. Agora volte para dentro da carruagem e proteja-se da chuva. Eu e meu cocheiro vamos descer até lá.

— Não moço. Eu vou junto!

— Ora, menina, você…

— Vou junto!

A determinação da garotinha calou o médico. Suspirou e desistiu de discutir. Se ainda houvesse alguém vivo lá embaixo, não havia tempo a perder.

— Está bem. Segure-se no meu pescoço.

A menina enlaçou-se às costas de Rebouças, envolvendo sua cintura com as perninhas e agarrando-se firmemente na frente de seu colete. Não pesava quase nada, e o médico começou a descer a encosta, firmando-se onde podia com uma das mãos e segurando a lanterna com a outra.

Logo após, o cocheiro seguiu os dois.

Chegaram à mancha clara que haviam visto de cima.

— Menina, não olhe! — ordenou o médico.

A mancha era o corpo de um homem. Caído de bruços.

Rebouças tocou o pescoço do homem com a ponta dos dedos. Nenhuma palpitação. Aquele devia ser o cocheiro da carruagem acidentada. E estava morto.

— Moço, pra baixo, moço. Mamãe está lá!

Continuaram a descida, com grande dificuldade.

A carruagem estava lá, enganchada em uma árvore que a salvara de despencar-se ainda mais.

— Vamos, moço!

Mais uma morte encontrada. Era o cavalo, caído no meio do mato e ainda preso pelos arreios à carruagem destroçada.

— Vamos, depressa, moço!

A menina empurrava Rebouças com o corpinho, como um cavaleiro a animar a montaria.

O médico tropeçou.

— Droga!

A menina saltou-lhe das costas e tomou a dianteira.

— Venha, venha!

O cocheiro chegou junto a eles e Rebouças pediu:

— Segure a lanterna, Julião. Fique junto de mim. Tenho que ver o que há lá dentro.

Com a luz às costas, Rebouças conseguiu olhar para dentro dos destroços.

Nesse instante, ouviu um gemido.

— Tem alguém vivo, Julião! Tem alguém vivo!

Forçou-se para dentro da cabina da carruagem e tocou a pessoa que havia gemido. Era uma jovem mulher.

Usando o que podia da luz frouxa da lanterna, Rebouças examinou rapidamente a pobre mulher. Estava semidesmaiada mas não parecia ter nenhum ferimento fatal.

— Está viva, menina! Sua mãe está viva! — gritou o médico. — Venha, Julião. Ela não parece muito pesada. Acho que dá para a gente carregá-la para cima.

Debruçou-se sobre a mulher, tentando apoiar sua nuca para erguê-la.

Nesse momento, as costas de sua mão tocaram em alguma coisa gelada.

— Julião, ilumine melhor aqui.

Antes que o braço do cocheiro avançasse por cima de seu ombro, iluminando um pouco melhor o interior da carruagem, as mãos experientes de Rebouças já lhe tinham mostrado que o que ele apalpava era um cadáver.

— Meu Deus!

Foi desesperado o grito que o doutor Rebouças soltou no momento em que a luz da lanterna iluminou o rosto do corpo que a mulher ferida abraçava.

Era a menina! Morta ao lado da mãe!

Sentindo-se enlouquecer, Rebouças tomou a lanterna das mãos de Julião e procurou em volta de toda a cena do desastre.

A menina tinha desaparecido…

As lágrimas jorravam de seus olhos e faziam-no tremer por inteiro.

— O que houve, doutor? — perguntou o cocheiro preocupado.

***

Rebouças nem se lembrava como ele e o cocheiro tinham conseguido subir, carregando a mulher ferida até em cima.

Colocou-a delicadamente na carruagem, apoiando-lhe a cabeça, e a carruagem retomou a marcha.

Sim. Havia tempo para chegar à estalagem. Havia tempo para salvar a vida daquela mulher.

Nesse momento, sentiu na face a pressão quente, úmida, de um beijo.

De um beijo de menina.

4 O amor que supera a própria morte

A voz grave de Geraldo havia se insinuado nos corações dos amigos assustados. Ninguém perdera uma palavra daquela história que a todos havia emocionado.

— Sua história mais parece de amor do que de medo… — comentou Débora.

Alexandre ouvia tudo com o braço em torno dos ombros de Márcia. No início, a garota se mantivera tensa mas, aos poucos, foi relaxando e aceitando a proximidade do namorado.

No final, como se acordasse, ergueu o rosto para Alexandre. Seus olhares se encontraram. Márcia estava enternecida, mais que assustada. Realmente, como comentara Débora, a história do fantasma de uma menina que, depois de morta, sai em busca de socorro para salvar a vida da mãe, era muito mais a história de amor que move o mundo do que de um fantasma que perturba a paz.

E foi a ternura que a levou a deleitar-se com o rosto lindo do rapaz que ela amava com tanta intensidade.

A boca de Alexandre abria-se, próxima demais, e mais aproximava-se da boquinha de Márcia.

A menina queria o beijo, como sempre quis o beijo de Alexandre.

Como se quisesse impedir aquele beijo, a voz de Sílvio soou alta, acordando a todos dos pensamentos provocados pela história de Geraldo.

— Gostei, Geraldo. Ma bela história de assombração.

Alexandre desviou o rosto da direção de Márcia e palpitou:

— Essa história aconteceu com a sua família? Conversa sua! Já ouvi isso antes. Todo mundo conta essa história e diz que aconteceu "justamente" com ele. Conversa! Parece até aquela piada do garçom burro que, ao lhe pedirem taças de vinho, vem com uma bandeja com taças de vinho e uma vazia. Quando lhe perguntam por que uma das taças está vazia, ele responde: "Porque alguém pode não querer vinho!" Ah, ah!

— Não vejo a graça, Alexandre! — rebateu Paulinho.

— A graça é justamente esta: todo mundo conta essa anedota dizendo que era o criado de uma tia, ou empregada da avó. Igual à história de Geraldo. Todo mundo ouviu falar, de fonte limpa, que, certa vez, numa noite de chuva, ia de carruagem ou de automóvel pela estrada, quando apareceu um vulto de vestido esvoaçante pedindo socorro e etc., etc. Só que,

quando me contaram, era a mulher que apareci a estrada para salvar um bebê que ainda chorava nos braços mortos da própria mulher, num carro que caíra na ribanceira. Só o que tem de igual é a mesma ribanceira e o mesmo enredinho forçado…

Ludmila não aceitou a gozação:

— De medo ou de amor, esta que ouvimos é uma linda história. O mais importante nela é provar que aparições sobrenaturais podem acontecer, quando há algum motivo muito forte, deixado para trás, no mundo, por alguém que morreu…

— É belo saber de fantasmas que aparecem por nobres motivos e não para vingar-se, para fazer o mal… — observou Débora.

Paulinho entrou na conversa:

— É isso. Já me contaram que aparições podem ser provadas como naturais. Que todos temos algum tipo de energia interior, que pode sobreviver depois da morte, para cumprir algo de muito importante que a morte impediu de ser cumprido em vida. Talvez seja o caso dessa menina. Ela só pôde morrer em paz depois de assegurar a sobrevivência da mãe…

— Vá lá, Paulinho, vá lá! — brincou Alexandre. — Mas você tem de concordar que o "beijinho da pequena defunta" do final foi demais!

— bem, um pequeno toque literário, talvez… — concordou Paulinho.

— Ora, isso é literatura de novela!

Ludmila retomou a palavra:

— Pois a história que eu tenho para contar pode encaixar-se justamente no que vocês estão comentando. Vocês podem não acreditar, mas aconteceu com os meus pais. Aconteceu mesmo. É cruel demais para eles terem inventado. Foi numa noite como esta. Chovia forte como nesta noite. Eles tinham recebido um casal de amigos para jantar…

5 A história de Ludmila

A chuva insistente, lá fora, era abafada pela música suave que embalava a todos, vinda do moderníssimo sistema de som.

A decoração do belo apartamento dos Vilaça tinha a suavidade das famílias de bom gosto. Era mais acolhedora do que acintosa. A iluminação, em abajures de altura média, ressaltava suavemente todos os cantos da sala, sem, no entanto, ofuscar a vista. Um ambiente ideal para o relaxamento depois de um ótimo jantar.

Helena Vilaça, depois de receber os elogios pelo excelente assado que servira, guiou o casal Cerqueira para a sala de estar.

Jaime Vilaça serviu os licores.

Jorge Cerqueira acendeu um cigarro. Marta, sua esposa, conversava com helena sobre o tempero de ervas finas que a amiga utilizara no assado.

O ambiente estava aquecido, morno, calmo.

Jorge refestelou-se na poltrona e comentou:

— Parabéns, Jaime. Que belo apartamento o seu…

— Ora a decoração é toda da Helena. Eu não sou bom para essas coisas, você sabe.

Fazendo uma boa digestão, resguardados do tempo ruim em um ambiente confortável como aquele, do mesmo jeito que as pessoas da idade da pedra protegiam-se das tempestades em torno de uma boa fogueira dentro de uma caverna, nenhum dos quatro estava para temas sérios.

E a conversa foi se desenvolvendo, preguiçosa, saltando de assunto em assunto, relembrando os tempos de colégio, velhas histórias, até recair no inexplicável.

— É mesmo… — comentava Jaime. — Por mais que a ciência avance, sempre há aqueles acontecimentos que continuam nebulosos, para os quais ninguém consegue dar uma explicação lógica…

Jorge sorriu:

— Ora, Jaime! A ciência não pára. O que não se sabe hoje certamente será revelado algum dia. Tudo tem explicação. Para mim, há as coisas que eu sei e as coisas que eu não sei *ainda*. O resto é superstição.

— Talvez… — respondeu o amigo.

— Lembro-me do meu tempo de pensionato, quando vim para cá para cursar a faculdade de arquitetura — disse Helena. — Numa noite como esta, de chuva e frio, havia uma colega que…

— Foi lá que eu te conheci — lembrou Jaime, com carinho.

— Era uma garota viajada — continuou Helena, feliz com a lembrança, mas querendo contar o caso. — Foi a primeira vez que eu participei do jogo do copo. Ela tinha aprendido o jogo do copo na França e…

— Jogo do copo? — estranhou Marta. — O que é isso, Helena?

— Ué! Você nunca ouviu falar? É aquela brincadeira em que amigos sentam-se em volta de uma mesa, com um copo emborcado no centro. Espalham-se papeizinhos com todas as letras do alfabeto, formando um círculo na beirada da mesa. Daí, todo mundo pousa o dedo indicador no fundo do copo e um dos presentes faz as perguntas.

Jorge queria mais explicações:

— Perguntas? Que perguntas?

— Que perguntas? — intrometeu-se Jaime. — Você precisava ouvir as perguntas e as respostas divertidas que às vezes surgem com essa brincadeira! Foi Helena mesmo que me mostrou esse jogo pela primeira vez. Às vezes pode ser muito divertido.

— Desculpe se eu pareço ignorante, Jaime — disse Jorge. — Mas eu nunca ouvi falar dessa história. E nem estou entendendo direito. Para que pousar os indicadores no copo? O que acontece? Que perguntas são essas?

— Deixe eu terminar, Jorge — recomeçou Helena. — Dizem que, se chamado apropriadamente o espírito de alguém entra no copo e responde às perguntas percorrendo o alfabeto e soletrando respostas…

Marta espantou-se:

— Nossa, Helena! Eu não sabia que você acreditava nessas coisas…

— Nem seu se eu acredito, Marta. Mas que o copo anda sozinho, lá isso anda!

Jorge riu abertamente:

— Pelo que você está descrevendo, Helena, na certa as pessoas empurram o copo pressionando com o dedo!

Jaime encolheu os ombros:

— Deve ser isso. Sempre pode haver algum gozador no grupo, que resolve dar uma de engraçadinho. Helena já repetiu essa brincadeira algumas vezes, depois que nos casamos. Mas há anos que não lidamos mais com isso.

— Sempre que estou reunido com os amigos em volta de uma mesa — brincou Jorge —, ou estamos comendo ou jogando pôquer!

Marta levantou-se, excitada:

— Eu gostaria de ver como isso funciona. Mostre como é, Helena!

Helena olhou para o marido:

— Bem, numa noite como esta, até que a brincadeira do copo poderia ser divertida, não acha, Jaime?

A proposta foi aceita com entusiasmo. Helena trouxe folhas de papel em branco, algumas canetas, e todos a ajudaram a cortar as folhas em quadradinhos de uns dois centímetros de lado.

Depois, em cada um, escreveram as letras do alfabeto e os números de 0 a 9, além de repetirem as vogais com todos os acentos, até o til. Por fim, Helena escreveu “sim” e “não” em papéis um pouco maiores.

— É para facilitar as respostas diretas dos espíritos… — explicou.

— Só você mesmo, Helena… — riu-se Jorge.

Sentaram-se à volta da mesa redonda. Instruídos por Helena, os outros três pousaram o indicador no fundo do copo emborcado.

— Não pressionem — comandou Helena. — O copo tem de estar livre, para deslizar sobre o tampo da mesa.

Jaime tinha ficado encarregado de fazer as perguntas.

— Concentrem-se. É preciso que todos estejam sérios. Se não, nada acontece. Vamos respirar fundo, como na ioga.

Jorge e Marta aceitaram a sugestão. Semicerraram os olhos, respiraram fundo e esperaram.

— Somos amigos — começou Jaime. — Estamos aqui reunidos para fazer contato com o além…Há algum visitante neste copo que queira conversar conosco?

Os dedos indicadores dos quatro amigos sentiram um leve tremor vindo do copo.

— Tem alguém entre nós?

Lentamente a princípio e velozmente a seguida, o copo percorreu a mesa e tocou de leve no papel onde estava escrito SIM.

Marta sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha e olhou de lado para o marido. Jorge franziu o cenho, como a pedir-lhe silêncio.

— Quem é você? — perguntou Jaime, solenemente.

O copo tremeu, mas parecia indeciso.

— Você é homem ou mulher?

O copo arrastou-se lentamente para a letra M e voltou para o centro. Era suficiente.

— Mulher? Como é seu nome?

Rapidamente, o copo soletrou:

C-L-É-L-I-A

— Muito bem, Clélia — continuou Jaime. — Qual a sua idade?

O copo avançou e tocou no número seis.

“Agora vai para a unidade”, pensou Jorge, brincando nervoso consigo mesmo. “Deve ter mais de sessenta anos… Ou seiscentos, se for um fantasma antigo…”

Mas o copo voltou para o centro.

— Seis ou sessenta e poucos anos? Quantos anos você tem, Clélia?

O copo voltou a tocar o número seis e retornou ao seu lugar.

— Seis anos só? Você é uma menininha, Clélia?

O copo começou a vibrar.

— Queridinha — disse Jaime, como se falasse mesmo com uma criança de seis anos. — Aqui você está entre amigos…

Num repente o copo voou em busca das letras. Tocava freneticamente os papeizinhos, tornando até difícil acompanhar as palavras que soletrava:

S-O-C-O-R-R-O
E-S-T-O-U
M-O-R-R-E-N-D-O

Jaime entrou em pânico:

— Socorro?! O que é isso? Você está morrendo? Como pode ser? Onde está, Clélia? Vamos, fale! Onde está você? O que está acontecendo?

O copo girou lentamente, circulou um pouco no centro da mesa e depois, letra a letra, com calma, soletrou:

T-A-R-D-E
P-A-Z

Voltou devagar para o centro da mesa e ficou imóvel.

Apesar do frio, gotas de suor brotavam do rosto de Jaime. Ele pôs-se de pé, falando desesperado como se o copo tivesse vida:

— Clélia! Fale comigo! Onde você está? Clélia, por favor! Quem é você? Volte! Clélia! Não nos deixe! Viva, querida! Nós precisamos que você viva! Não nos deixe, menina!

Sob os dedos gelados de pavor dos quatro amigos, o copo estava imóvel como se estivesse colado à mesa.

De pé, Jaime escondeu o rosto nas mãos.

Lívido, Jorge levantou-se e encarou as duas mulheres, que estavam com os olhos arregalados, como se tivessem visto, de verdade, uma menina morrer.

— Foi no hospital Samaritano… Eu tenho certeza…

Marta agarrou o braço do marido:

— Como… como você sabe, Jorge?

— Não sei… não sei por que sei… só sei que sei… foi no Samaritano… agora mesmo…

Helena levantou-se e correu ao telefone. Discou “informações” e logo em seguida estava discando o número certo.

Os outros três, paralisados, mal ouviam Helena, que falava muito baixo ao telefone. Depois de pouquíssimo tempo, desligou.

Caminhou lentamente para o lado dos amigos. Tocou o ombro de Jaime, o braço de Jorge e encarou devagar a todos os três, que esperavam, de olhos fixos, sem nada conseguir dizer.

— Agora mesmo… me informaram… no Samaritano… uma menina, com leucemia… na UTI… acabou de falecer…

Abraçados, os quatro amigos deixaram as lágrimas lavarem suas almas.

Lá fora, a chuva continuava.

6 Morte solitária

Foi como se todo o grupo tivesse estado presente àquela sessão do copo, no apartamento dos Vilaça. Foi como se cada um tivesse presenciado a morte solitária da menina.

Márcia sentiu os dedos de Alexandre acariciando-lhe a nuca. Em seguida, com uma leve pressão aqueles dedos procuravam levantar-lhe um pouco a cabeça, trazendo-a em direção a seus lábios.

— Não, Alexandre, não… — protestou debilmente Márcia. — Depois de uma história como essa, não…

— Ora, querida… — sussurrou Alexandre, com todo o charme de que era capaz. — Para mim, todas as histórias terminam com um beijo… Como nos filmes… Até os de terror…

Ludmila falou para o grupo:

— Minha mãe me contou que essa história se passou há muito tempo, antes de eu nascer. Depois disso, eles nunca mais ousaram jazer o jogo do copo. Ela disse que até evitaram a vida inteira falar do ocorrido. Com ninguém, nem mesmo com o casal Cerqueira, que participou daquela noite de horror…

— De horror? Até que não! — lembrou Alexandre, encarando as histórias como se a reunião dos amigos naquela casa velha tivesse sido combinada para uma discussão teórica acerca do sobrenatural. — Essa história da Ludmila parece confirmar o que disse Paulinho. Ele falou em uma tal de energia interior que todas as pessoas têm, não foi? Seria então a "alma". A mesma que visitou o copo na casa da Ludmila, como se…

— Como se pedisse socorro de verdade, Alexandre — interrompeu Geraldo. — Se essa energia existisse, então a menina Clélia pôde lançar seu pedido de socorro além das paredes frias e eletrônicas de uma UTI, para não morrer sozinha.

— Deve ter sido isso — finalizou Paulinho. — Ela não morreu sozinha. Os pais da Ludmila e seus amigos, de algum modo, seguraram aquela pequenina mão, para que a menina não enfrentasse a morte sozinha…

Alexandre deu uma gargalhada:

— Ah, Paulinho! O que é isso? Vocês estão se levando muito a sério, pessoal. Quer dizer que vocês acreditaram mesmo na cascata dessa história de pedidos de socorro dentro de copos? Está mais do que claro que o tal

Jorge inventou essa história toda e empurrou o copo com o dedo, sem que ninguém percebesse!

— E como você explica o telefonema para o hospital? — desafiou Sílvio. — E a confirmação da morte da menina, internada numa UTI, com leucemia?

— Ah, é? — Alexandre aceitava o desafio. — E quem diz que o telefonema foi real? Quem diz que a mulher dele não fingiu que falava com alguém no telefone, só para confirmar a história preparada por Jorge?

Geraldo encerrou a questão:

— Alexandre, você se esqueceu que quem telefonou para o hospital não foi a mulher dele? Que foi Helena, a mãe de Ludmila? Será que ela também entrou na tal combinação com o marido da amiga?

Houve um silêncio. Alexandre não conseguia pensar num argumento para continuar a discussão.

Débora tomou a palavra, falando baixo, calmamente:

— As histórias que Geraldo e Ludmila contaram foram, de uma certa forma, bonitas. Inexplicáveis, mas belas. A que eu vou contar não tem nada de bonito. Não é uma história de fadas, com final feliz…

7 A história de Débora

Lucas estava desesperado.

Saíra da penitenciária há três dias, depois de ter cumprido dez anos de condenação por assalto a mão armada, e não tinha o que comer nem para onde ir.

Sua mulher visitara-o durante o primeiro ano de condenação, quase todos os domingos. No segundo ano, as visitas foram rareando, até que a mulher desapareceu por completo de sua vida.

Ele cumprira o restante da pena sem qualquer sonho real que o esperasse no mundo fora da prisão.

Agora que já o tinham devolvido àquele mundo, ele não trazia sonhos. Só o desespero.

Procurou pela mulher no antigo endereço, mas ninguém sabia da existência dela. Nem da dele. Batiam a porta em sua cara ao verem aquela expressão barbuda, desesperada.

As primeiras duas noites, dormiu embaixo de marquises de lojas, até ser expulso de uma por um cão furioso, a custo mantido na coleira pelo proprietário da loja, que não queria "vagabundos" por ali.

O mundo fizera dele um vagabundo. O mundo fizera dele um infeliz.

Com frio, na terceira noite dormiu fora da cidade, no meio do mato.

Amanheceu molhado e com o estômago revolvendo-se de fome. Naquele momento, sentiu saudade até mesmo da bóia nojenta que lhe serviam na prisão.

Pôs-se a andar, margeando a estrada de terra.

À beira da estrada, um saco plástico de lixo.

Talvez ali dentro houvesse alguma coisa para comer.

Arrebentou o plástico negro e despejou todo o seu conteúdo.

Nada. Apenas papéis sujos, latas e… uma faca.

Uma faca! Por que alguém jogaria fora uma faca.

Lucas examinou-a cuidadosamente. Havia um dente grande na lâmina. Tornara-se inútil para a cozinheira. Mas, para ele, poderia ser um recomeço.

Já não se sentia apenas um vagabundo. Era agora um vagabundo armado, o primeiro passo para voltar a ser o criminoso que sempre fora.

O roncar do seu aparelho digestivo lembrou-o de que precisava começar logo. Primeiro, arranjar o que comer. Depois…

Escondeu a faca por dentro da calça, cobrindo-a com a fralda da camisa e seguiu pela estrada, agora com pressa, em direção à cidade.

Um carro vinha na mesma direção, por trás dele. Afastou-se e o carro passou por uma poça d'água, jogando barro molhado em suas calças, já imundas por três dias ao relento.

Praguejou e seguiu em frente, arrancando forças da fome para apressar o passo.

A estrada subia um pouco, em ladeira. No alto dela, Lucas viu o carro. O mesmo carro que passara por ele. Dessa vez parado.

Ao lado do carro, uma mulher, com as mãos na cintura, olhava desolada para um pneu traseiro murcho, com a calota já tocando a terra.

Lucas diminuiu o passo e desceu a ladeira.

A mulher viu-o aproximar-se.

— Bom dia, moço. Estou com um pneu furado. Será que o senhor podia dar uma mãozinha?

Lucas passou a mão sobre o estômago. À frente da fome, estava a faca.

— Sim, senhora…

Procurou sorrir e deixar a mulher à vontade.

— Pode abrir o porta-malas? Preciso do macaco… e das ferramentas…

a mulher passava a mão esquerda pelo cabelo. Um anel brilhou à luz do sol que nascia.

Lucas parou na traseira do carro, esperando.

Ela deu-lhe as costas e enfiou a chave na fechadura do porta-malas.

Uma fração de segundos e a faca saiu da cintura de Lucas, espetando-se nas costas da mulher.

Ouviu um gemido surdo e a mulher abriu os braços, tentando voltar-se para ele. A faca não tinha entrado bem. estava velha e o dente em sua lâmina devia ter-se encravado em uma costela. Lucas passou o braço esquerdo em volta dos ombros da mulher e puxou-a com força para si, forçando a punhalada.

Dessa vez, a faca entrou firme.

O sangue jorrou em sua mão.

A mulher amoleceu. Sua cabeça debruçou-se sobre o braço esquerdo de Lucas.

Ele deixou que o corpo escorregasse, até estender-se na terra como um saco vazio.

Sem perder tempo, Lucas abriu a porta do carro. Havia uma bolsa no banco do passageiro. Abriu-a. Um pouco de dinheiro. Não muito.

Voltou até o corpo. Examinou-o, nenhuma jóia, além do anel no dedo anular da mão esquerda. Talvez um anel de casamento. Um belo

brilhante, cercado por uma série de outros, menores. Um lindo anel. Devia valer um dinheirão.

Tentou puxar o anel.

“Diabo! Essa mulher deve ter engordado!”

O anel não queria sair.

Com a mão esquerda, Lucas segurou com firmeza os outros três dedos na palma da mão do cadáver. Com a direita, usou a faca como se fosse uma machadinha, tentando cortar o dedo de um só golpe.

O osso resistiu. Com grande esforço, usou a faca como serra e esfregou a lâmina denteada contra o osso da falange. Não foi fácil, o instrumento não era o melhor mas, aos poucos, o osso foi sendo esmigalhado.

Pegou o dedo com as duas mãos e partiu-o com um “tléc”. Cortou o restante da pele e o anel caiu no chão.

Jogou o dedo decepado no mato e enfiou o anel, ainda sangrento, no bolso da calça. Enterrou a camisa imunda de sangue no mato. A camiseta não estava manchada.

Trocou o pneu, guardou as ferramentas no porta-malas e sentou-se no banco do motorista. Ainda se lembrava como dirigir um carro. Enfiou a chave no contato e deu a partida.

***

Uma nova vida começava para Lucas.

O carro era quase novo e não tinha nenhuma mancha de sangue. Foi fácil vendê-lo para um receptador por um vigésimo do preço de tabela. O carro receberia uma boa maquiagem e seria revendido com enorme lucro.

Lucas sempre odiara receptadores. Homens com negócios de fachada respeitável, que ficavam com a maior parte do ganho de tudo que ela, a duras penas e com risco de vida, conseguia roubar.

Viu quando o receptador abriu o cofre. Deu para notar muitos maços de notas. O homem tirou apenas um deles e contou a quantia combinada.

Lucas pegou o dinheiro e saiu, sem uma palavra.

Já sabia qual ia ser o próximo passo.

Com o dinheiro, comprou roupas novas. Arranjou um hotelzinho barato que aceitava hóspedes sem pedir documentos nem fazer perguntas. Num boteco, devorou duas porções de um almoço comercial que estava com ótimo gosto. Dali para a frente, só comeria do bom e do melhor, prometeu para si mesmo.

Pediu refrigerante. Tinha decidido mudar de vida completamente. Nada de cachaça. A bebida tinha sido sua ruína.

À noite, voltou para a revendedora de carros, um galpão fechado, próprio para esconder as modificações que os carros “usados” recebiam, antes de serem vendidos em outros estados.

O receptador estava sozinho no escritório.

Com a faca a cutucar-lhe a garganta concordou em abrir o cofre.

O punhal entrou com facilidade na garganta do homem, cortando a carótida, a jugular e os tendões. Quando o homem caiu, sua cabeça estava pendurada, como a de um frango capão.

O dinheiro que havia no cofre era muito. E ninguém reclamaria da falta de uma quantia tão grande. Lucas roubara quem vivia de roubos.

Junto ao dinheiro, havia uma pilha de documentos em branco. Aquele receptador sabia como “legalizar” qualquer coisa. Até mesmo um homem.

Calmamente, Lucas enfiou um documento de identidade na máquina de escrever. Destruiu cinco, até conseguir terminar um deles, com o nome que escolheu. Depois, quando sua cara estivesse em melhores condições, tiraria uma foto e seria outra pessoa.

Mudou-se para outro estado. Estava decidido a recomeçar seguindo o caminho de sua segunda vítima.

Ladrões baratos como ele fora, há em todos os lugares. E todos aceitam qualquer preço que alguém ofereça pelo produto de seus roubos.

Lucas enriqueceu. Prosperou na vida sem ter de vender o anel. O anel dera-lhe sorte. Para ele, tornou-se um talismã. Um joalheiro alargou-o e ele o usava no dedo o tempo todo, sem se preocupar se alguém o achasse mais adequado a uma mulher.

Agora, Lucas tinha um grupo de capangas, para os trabalhos sujos. Aos poucos, foi abrindo negócios legais, enriquecendo cada vez mais e podendo cumprir o que prometera a si mesmo: só comer do bom e do melhor, só viver do bom e do melhor.

Com o passar dos anos, seus negócios legais foram se tornando mais lucrativos do que os ilegais e Lucas transformou-se em um homem respeitado na cidade que escolhera para recomeçar a vida.

Engordou um pouco, envelheceu, seus cabelos embranqueceram, mas, pelo jeito, o que as mulheres procuravam nele não era a beleza nem a juventude. Possuía a mulher que escolhesse, quando bem quisesse, mas jamais pensou em casar-se. Jurara para si mesmo nunca mais dar a uma mulher a oportunidade de abandoná-lo em uma cadeia, como a sua fizera.

Mas, uma noite, participando de um jantar na casa do governador, como convidado de muita honra, Lucas conheceu uma mulher capaz de fazê-lo esquecer-se da promessa.

Era linda… Ah, que beleza de jovem, muitos anos mais moça do que ele. Conversava com ele no enorme salão do palácio do governador, com

uma taça de champanhe na mão enluvada em seda, rindo com aquele frescor que só as mulheres que sabem que são belas são capazes.

E, pela primeira vez em muitos anos, Lucas encontrava uma mulher que não parecia interessada no dinheiro dele: ao recusar-se a trocar de parceiro de conversa com todos os outros cavalheiros que dela se aproximavam, ela parecia também estar interessada *nele*, na pessoa dele, como ele se sentia fortemente atraído por ela.

Enfeitiçou-se. Perdeu a cabeça.

A moça concordou em ser levada para casa por ele.

Lucas dispensou o motorista e sentiu uma lufada de perfume de jasmim invadir o carro quando ela entrou.

Delicadamente, a mão dela pousou em sua coxa direita, enquanto conversava.

Estava excitado de mais. Queria possuí-la, queria que ela se casasse com ele. Ah, sua vida poderia ser agora perfeita! Rico, realizado, respeitado e com a mais linda esposa do mundo!

Se ele conhecia as mulheres, aquela beleza também parecia excitada. Tudo corria como no melhor dos mundos…

Era madrugada já. Dirigiu devagar até uma alameda escura, de um bairro rico, cercada por árvores frondosas que tornavam romântica a iluminação pública.

Parou o carro e desligou a ignição.

Mal iluminado, o rosto da jovem era uma pintura rara a sorrir para ele.

Tocou o seu rosto com a mão enluvada e ele enrubesceu.

Lucas passou o braço esquerdo em torno dos ombros da jovem e acariciou-lhe a nuca esguia procurando trazê-la para um beijo.

A jovem sorriu lindo e começou a descalçar a luva da mão esquerda, dedo por dedo, com delicadeza.

E ergueu a mão para ele, para uma nova carícia.

Foi aí que ele viu a mão branca como marfim, bem perto de seu rosto.

Só deu tempo de perceber que faltava ao dedo anular…

***

No dia seguinte, a imprensa noticiava com estardalhaço o encontro do cadáver do conhecido comerciante, abandonado dentro de seu próprio carro.

Os jornais mais sensacionalistas publicaram a foto do cadáver na primeira página. Os olhos esbugalhados, numa expressão de pavor.

Numa foto menor, um jornal destacara a mão do cadáver, com o anular decepado…

8 Eu tenho de acreditar

— História velha! — gozou Alexandre. — Essa é uma daquelas que saem nessas revistas de quadrinhos de horror, muito mal desenhadas. É das que servem para preencher um buraco entre uma história de vampiro e outra de Frankenstein. Não vá me dizer que essa história aconteceu *mesmo*, vai, Débora? Nesse caso, quem era o "seu" parente que lhe contou a história? O assassino? A mulher-cadáver?

— Não, Alexandre. Só quis mostrar que os mortos podem voltar à vida, não só por motivos nobres, como nas histórias do Geraldo e da Ludmila. Eles também podem voltar para fazer o mal, para vingar-se…

— Mas, nesse caso, a vingança parecia justa… — disse Paulinho.

— É… nessas histórias de terror, os mortos sempre aparecem para reparar uma injustiça, são sempre muito bonzinhos, já notaram? — brincou Alexandre. — O gozado é que, em vida, há boas e más pessoas. Entre os mortos todos são justos… Vocês me desculpem, mas não é possível levar à sério esse monte de baboseiras. Não dá para acreditar!

Do outro lado do círculo formado pelos amigos em volta do tapete, Ludmila comentou:

— Eu também pensava assim, Alexandre. Mas, depois do que aconteceu, eu *tenho* de acreditar…

— Do que aconteceu? O que aconteceu, pessoal?

— Você sabe, Alexandre… — suplicou Márcia. — Você tem de saber…

— Não brinca, Márcia. Ah, vem cá, meu amor…

— Não, Alexandre… por favor…

— Uma coisa eu não entendo! — disse o rapaz, contrariado. — Só eu aqui não estou nem ligando para o clima de terror que tomou conta de vocês por causa dessa casa velha, da ponte caída e da tempestade. Então, por que vocês não aceitam a minha proposta de cantar, contar piadas? Em vez disso, como se gostassem de sofrer, ficam com essas histórias bobocas de terror? O que é? Vocês *gostam* de sentir medo, é?

— Parece que a gente não tem outro jeito, Alexandre — respondeu Sílvio, pretendendo falar por todos. — O sobrenatural… o fantasmagórico está morando entre nós…

— Ai, ai, ai, ai, ai! O que está morando dentro de vocês é loucura! Gente, eu conheço há anos, desde o primeiro grau. Nunca vi a minha

querida turma desse jeito! O que houve com os sete tremendões do colegial? Será que tem alguma coisa estranha nesse ar de montanha? Algum vírus? Ora, mas eu estou respirando o mesmo ar de vocês!

— Acho que não está, Alexandre… — disse Débora, num sussurro. — Acho que você não está respirando o mesmo ar que nós…

A noite já tinha caminhado para a madrugada, mas nenhum dos componentes do grupo parecia estar disposto a entregar-se ao sono.

As velas já estavam bem abaixo da metade.

— Estas são as últimas… — informou Ludmila, desanimada. — Depois, será somente a escuridão…

A ameaça de passar aquela noite inteira, sem luz, insones pelo terror que tomava conta de todos, pareceu aumentar a tensão reinante.

— Ai… — gemeu Márcia.

Alexandre recusava-se a permitir que o pânico o invadisse, como tinha tomado conta de seus amigos. Acariciou os cabelos da namorada, como se consolasse uma criança medrosa.

— Querida… Não há nada a temer… eu estou aqui…

Márcia olhou para o namorado, como se sua alegria fosse a razão de seu medo.

Ele se derretia cada vez que olhava o rosto bonito da garota:

— vem cá, amor…

Tentando fugir dele, Márcia falou alto:

— Paulinho, você ainda não contou a sua história… O que vai ser?

O rapazinho remexeu-se, enrolado no saco de dormir:

— Estou fora, Márcia. Não quero me meter nisso.

Alexandre riu-se:

— Então só faltam eu, a Márcia e o Sílvio… Só que eu sou meio fraco nessa história de histórias de terror. Eu só sei contar piadas!

— Serei eu, então — decidiu Sílvio. — O que eu vou contar é somente uma teoria que eu li certa vez sobre uma morte muito estranha, ocorrida no Egito. Como toda teoria, os acontecimentos foram apenas supostos. Poderiam ter sido do jeito que eu vou contar. Ou poderiam ser de outro modo. Mas o certo é que esse acontecimento foi realmente inexplicável. Tão inexplicável como as incertezas da morte. Vou falar novamente da morte e da capacidade sobrenatural de algumas vontades superarem esse limite. Dessa vez, vamos ter uma distância muito grande no tempo, muito grande…

9 A história de Sílvio

Jeremiah Prescott tinha conseguido o que sempre quisera.

Nascera rico e, desde pequeno, jamais brincou com as outras crianças nem, na juventude, fez parte dos alegres grupos normais da idade.

Sua vida toda fora vazia de contatos humanos, mas sempre tinha alimentado o sentimento interior de que estaria reservado para algo diferente do que a universidade e a vida acadêmica lhe ofereciam.

Foi sempre um ótimo estudante. A Ciência, a História e a Eternidade do homem na Terra foram suas matérias preferidas na universidade.

Nunca amara nem deixara que mulher alguma se aproximasse o suficiente para capturá-lo.

Tornara-se arqueólogo e tudo fizera para organizar aquela expedição ao Egito. Com sua influência e com o dinheiro de sua família, seu sonho tornara-se possível.

Pelos estudos que fizera na Inglaterra, pelos raros documentos que conseguira decifrar, mesmo antes da viagem Jeremiah estava seguro de encontrar o túmulo perdido de Amah-thep, a poderosa suma-sacerdotisa da segunda dinastia.

Sua interpretação dos documentos estava correta. No exato ponto onde seus estudos levaram a expedição, os primeiros sinais do túmulo começaram a aparecer, antes de completados dois meses de escavações.

Jeremiah estava eufórico. Tinha enfrentado o descrédito de muitos acadêmicos e especialistas que, agora, teriam de engolir suas objeções.

Quase todos duvidavam de sua teoria e muitos até mesmo desacreditavam da existência da própria Amah-thep.

Mas Jeremiah Prescott conseguira recompor com perfeição os poucos traços da existência da suma-sacerdotisa. As referências à sua existência eram mesmo tênues mas, através dos traços do seu poder religioso e político no Antigo Egito, o jovem arqueólogo sentia-se capaz até mesmo de escrever a sua biografia.

De acordo com seus estudos, Jeremiah concluíra que Amah-thep havia construído seu prestígio e poder usando de uma arma poderosa em qualquer tempo e em qualquer época: seu fascínio.

A suma-sacerdotisa deveria ter sido linda. Linda como ninguém em seu tempo conseguira descrever. E, até onde os poucos documentos

disponíveis informavam, sua beleza era eterna, atemporal, transcendente ao tempo normal da passageira beleza feminina.

Descobrir seu túmulo, tocar seu sarcófago, seria a glória para qualquer arqueólogo. *Era* a realização sonhada por Jeremiah Prescott.

Em mais um mês de trabalho, os operários egípcios contratados revelaram a entrada da tumba funerária.

O coração do cientista saltava-lhe no peito. O sol começava a avermelhar o horizonte, preparando a noite fria no deserto. Os trabalhos foram interrompidos e os operários recolheram-se ao acampamento.

À entrada do túmulo, Jeremiah ficou só. Dormiria ali, na entrada, sobre uma manta, até que os operários recomeçassem a trabalhar no dia seguinte.

Enquanto ainda havia luz, examinou detidamente as inscrições na entrada, tomando anotações e tentando decifrar os hieróglifos que cobriam a pedra vestibular.

Quando veio a escuridão, que chega de repente no deserto como o desabar de uma tempestade, continuou o trabalho com a luz de uma lanterna.

As inscrições eram difíceis de decifrar, mesmo para um egiptólogo experiente como ele, mas paciência era o que não faltava a Jeremiah Prescott. Nada, ninguém nem qualquer dificuldade poderia desestimulá-lo, tão perto estava da realização do seu sonho.

Aos poucos, algumas palavras puderam ser compreendidas. A primeira delas: Eternidade!

Em seguida, Jeremiah confirmou a identidade do ocupante da tumba: Amah-thep!

Ela! Amah-thep! Ele estava certo! Sempre estivera!

A noite já ia alta quando as inscrições começaram a formar algum sentido. jeremiah teve de completar o texto, deduzindo algumas palavras. Por fim, acreditava ter decifrado a mensagem na pedra:

“Esta é a última morada de Amah-thep, a maior das sacerdotisas. A guardiã da Beleza, aquela a quem a Morte jamais atingirá. O poder de Amah-thep é a Eternidade e sua face nunca será destruída. Aqui estará guardada para sempre. Nenhum mortal jamais poderá entrar neste templo, até que chegue o momento de Amah-thep voltar a reinar sobre a Terra. Num dia distante, o Escolhido virá até Amah-thep e a devolverá à Vida. Somente a esse Escolhido a entrada da morada de Amah-thep será aberta. E dele será o Amor e a Virgindade de Amah-thep, e ele conquistará a Beleza e a Eternidade que Amah-thep representou e sempre representará”.

Falando alto, sozinho, para o deserto, Jeremiah Prescott estava eufórico:

— Amah-thep! Eu te encontrei, minha sacerdotisa!

Como se quisesse abraçar o túmulo, por acaso, pousou uma das mãos sobre o nome de Amah-thep e a outra na palavra “Eternidade”.

No mesmo instante, mecanismos intactos há séculos fizeram girar a enorme pedra, revelando a entrada do túmulo!

Jeremiah estava de boca aberta, trêmulo. Dirigiu a luz da lanterna de mão para dentro da tumba. Havia uma escada a poucos passos do portal.

Ah, ele não poderia esperar pela manhã para explorar seu achado. Era agora!

A lanterna iluminava muito bem o interior. Entrou, com passos medidos. A escada parecia dirigir-se ao centro da terra.

“Vou descer…”

Ao pisar no primeiro degrau, no entanto, um ruído, atrás dele, fez com que se voltasse. A pedra da entrada girava e trancava-o na tumba!

Jeremiah Prescott era um cientista, um homem racional. Jamais perderia a cabeça. Voltou até a pedra e axaminou-a detidamente, tentando atinar com o mecanismo que poderia abri-la. Tocou com as duas mãos em vários pontos, mas a pedra não se moveu.

Raciocinou, lembrando-se de tudo o que lera sobre os túmulos egípcios. A maioria deles dispunha de mecanismos que permitiam abrir as entradas por dentro, uma vez que a antiga religião dos egípcios acreditava na ressurreição dos mortos. Nesses casos, as portas não podiam ser abertas por fora, justamente para impedir a profanação dos túmulos por saqueadores.

O túmulo de Amah-thep era diferente.

“Lógico!”, pensou ele, lembrando-se da inscrição da entrada. “Ela aguarda o Escolhido! A porta não pode ser aberta por dentro porque Amah-thep não se reerguerá sozinha. Ela espera aquele que a descobrirá e trará de volta à vida! É isso!”

Não havia razão para preocupar-se. Ele trouxera mais pilhas na sacola que carregava e o ar que invadira o túmulo era suficiente para muito tempo. Seus assistentes só dariam por falta dele pela manhã, dali a cerca de quatro horas. Descobririam a manta abandonada na entrada da tumba, o caderno de anotações que deixara cair, e logo concluiriam que ele estava preso lá dentro. Levariam no máximo mais umas quatro horas para escavar em torno da pedra da entrada e removê-la. isso, no caso de não atinarem com o mecanismo de abertura.

“É claro que eles não descobrirão os pontos certos da pedra que abrem a entrada quando tocados. Duas coincidências não ocorrem assim, em seguida…”

bem, de ruim, havia só a falta de água e de comida. Mas ele conseguiria agüentar por muitas horas.

Deixou de preocupar-se com a saída. O que o atraía era aprofundar a investigação. Ah, ele agora chegaria sozinho a Amah-thep!

Continuou descendo as escadas, até chegar a um amplo salão, ricamente decorado.

Deslumbrante! A luz da lanterna revelava pinturas a ouro, de um fino traçado, que recobriam as paredes. Tapetes e mantos bordados com incrível talento mantinham-se quase intactos, preservados apesar dos séculos de sepultamento. Ânforas, jarros e escrínios ricamente trabalhados guardavam fortunas em jóias…

A beleza eterna daquelas riquezas mostrava também a eternidade da beleza de Amah-thep.

Onde estaria a câmara funerária?

Aquele salão tinha várias saídas. Escolheu uma delas, que parecia a principal.

Depois de perder horas caminhando por labirintos de pedra, teve que voltar e escolher outra passagem.

A sede começava a afetá-lo, mas ele não tinha tempo de pensar em água. Sua missão era mias importante. Sua determinação era inabalável.

Percorreu corredores, descobriu outras salas, extasiou-se com novos tesouros, até encontrar uma porta de ébano, recamada de ouro e guardada por dois cães enormes, esculpidos também em ébano.

"Aqui! É aqui, tenho certeza…"

iluminou a porta dupla, oval. Em ouro, novos hieróglifos. Não precisou perder muito tempo até descobrir que aquelas inscrições eram as mesmas gravadas na pedra da entrada principal.

Já sabia como abri-la. tocou as palavras "Amah-thep" e "Eternidade".

Desta vez, porem, a porta não se mexeu.

"Deve haver uma combinação semelhante àquela…", raciocinou ele.

Não precisou passar da segunda tentativa. Ao tocar as palavras "Escolhido" e "Amor", a porta dupla destrancou-se e suavemente recuou para dentro com a simples pressão das palmas de suas mãos.

Nervosamente, suando frio pela expectativa, Jeremiah Prescott iluminou o interior da câmara funerária.

Lá estava o sarcófago! Ah, lá estava ele! Ah, lá estava ELA!

Correu até o sarcófago. Era uma das mais belas peças da antiguidade egípcia que ele jamais vira. E muito mais rica, toda em ébano, ouro, marfim e pedras preciosas de várias cores.

Lindo! Belo como nenhum outro. Mas a Beleza verdadeira estava no rosto esculpido no sarcófago.

— Amah-thep!

Suas mãos tremeram por um segundo, hesitantes, mas Jeremiah não recuaria depois de ter chegado tão longe.

Com a lanterna em uma das mãos, com a outra procurava sofregamente os fechos que lacravam o sarcófago.

Estava difícil. Depois de muito tempo de tentativas, a tarefa parecia impossível.

Não prestava atenção à sede, que já teria derrubado qualquer pessoa que não estivesse tomada pela obsessão de Jeremiah Prescott.

— Amah-thep…

Sua cabeça estava zonza pelo cansaço e seus lábios secos de sede começaram a tremer. As lágrimas correram por suas faces.

Desesperado, Jeremiah Prescott debruçou-se sobre o sarcófago, abraçando-o.

A boca esculpida em ébano estava a centímetros da sua.

— Amah-thep…

Em lágrimas, abraçado ao sarcófago, Jeremiah Prescott tocou comseus lábios a boca da efígie de Amah-thep.

Era aquele o segredo!

Os fechos da urna estalaram, como se quisessem expulsar a tampa.

— Aberto! O sarcófago está aberto!

Tremendo, agarrou-se à tampa pesada e esforçou-se para deslocá-la. A tampa escorregou e caiu de lado, com um estrondo.

Para usar as duas mãos, deixara a lanterna apoiada numa coluna. A luz revelava a lateral do sarcófago mas não iluminava seu interior.

Estendeu o braço, pegou a lanterna e jogou a luz em cheio para dentro do rico caixão.

E o grito de Jeremiah Prescott ecoou pela tumba, profanando o silêncio que reinara por séculos em todos os corredores do túmulo da suma-sacerdotisa:

— Ahhhhh!

Não, não foi uma múmia ressecada por séculos de sepultamento o que encontrou. Lá, deitada no caixão, estava a mulher mais linda que seus olhos já tinham visto!

— Sua face nunca será destruída, dizia a inscrição! Amah-thep… A Beleza de Amah-thep é eterna!

Bela, plácida, com os lábios úmidos como uma virgem adormecida, Amah-thep deslumbrava!

Em sua infância, Jeremiah Prescott nunca tivera tempo para os contos de fadas. Se tivesse, haveria de sentir-se como um príncipe encantado ao descobrir sua bela adormecida.

— Amah-thep!

Aproximou-se religiosamente da bela suma-sacerdotisa. Tocou de leve as mãos cruzadas que seguravam dois báculos de ouro à frente dos seios fartos.

Estavam quentes!

— Amah-thep!

Excitado, Jeremiah Prescott debruçou-se sobre o corpo inerte da mulher e, delicadamente, beijou-lhe os lábios, como havia feito com a imagem da tampa do sarcófago.

— Amah-thep!

De olhos fechados, sentiu a boca quente daquela maravilha de mulher. No mesmo instante, percebeu que o beijo era correspondido.

Amah-thep estava viva!

Recuou, assombrado, admirando com paixão aqueles olhos negros que se abriam para eles. O sorriso abriu-se em seguida, revelando dentes perfeitos.

— Jeremiah…

A voz cristalina ressoou pela tumba como sinos de anjos.

Ela falava! E sabia o seu nome!

— Amah-thep…

Lentamente, o corpo da suma-sacerdotisa ergueu-se no sarcófago. Seus braços morenos estenderam-se para ele, convidando:

— Jeremiah, minha espera terminou… Tu és o Escolhido que veio para resgatar para a Vida a tua sacerdotisa. A tua Virgem, a tua Mulher… Vem, teu é o meu corpo. Tua é a Beleza e a Eternidade que eu guardo para ti…

Ergueu-se da tumba, deixando cair as roupas intactas, como novas, que vestia. O corpo de Amah-thep era a escultura mais linda que Jeremiah Prescott jamais imaginara.

A sacerdotisa levantava-se, nua, magicamente iluminada por baixo pela lanterna caída no chão.

Jeremiah precipitou-se para ela, abraçando-a frenética, apaixonadamente…

Sim! Amah-thep era sua! Sua era a Beleza, sua era a Eternidade!

***

finalmente, depois de horas de trabalho, a equipe de arqueólogos e operários conseguiu remover a pedra da entrada.

Munidos de lanternas, a equipe dividiu-se em grupos, procurando ansiosamente a pista do chefe da expedição.

Chegaram aos cães de ébano e à negra porta dupla, escancarada.

O principal assistente do cientista foi o primeiro a entrar, com a potente lanterna à frente:

— Barbaridade!

Nu, o cadáver de Jeremiah Prescott abraçava os restos putrefatos de uma múmia…

10 A história de Márcia

Apenas uma das velas ainda brilhava. As outras já tinham chegado ao fim e a cera derretida engolira as chamas.

Os olhos de Alexandre e de Márcia estavam fixos, sem pisca, uns nos outros. A energia de amor que os unia dispensavam as palavras e as juras. Era uma verdade eterna, indiscutível.

A menina tremia, mas era impossível resistir.

Os dedos de Alexandre tocaram seu rosto, delicadamente. Seus lábios adorados aproximavam-se, envolvendo Márcia naquela sensação maravilhosa, que ela desejava nunca ter fim.

— Márcia, meu amor…

— Alexandre… eu te amo… quero morrer com você…

E os lábios daqueles dois adolescentes uniram-se, colaram-se, fundiram-se como só o milagre do amor pode fazer…

Ludmila, de pé, tremendo de pavor, gritava:

— Márcia!

Márcia separou-se bruscamente do abraço de Alexandre, como se acordasse de um sonho.

Seus olhos se abriram, sua cabeça sacudiu-se, como se procurasse entender. Mergulhou o rosto nas mãos e começou a chorar, desesperadamente…

Alexandre levantou-se, furioso:

— Mas o que está acontecendo? Pelo amor de Deus, digam o que está acontecendo?

Sílvio avançou para ele e os dois se encararam.

— Não, Sílvio! Não! Eu suplico!

De pé, na frente do amigo, Sílvio relaxou a tensão e sorriu. Começou a falar calmo, com imenso carinho:

— Alexandre, procure entender. Nos contamos todas essas histórias do sobrenatural porque…

— Sobrenatural?! — Alexandre estava berrando. — Estou farto de tudo isso! Vocês querem me enlouquecer, é?

Márcia levantou-se, procurando controlar as lágrimas.

— Meu querido… ouça… é preciso… é preciso que você acredite em nós…

— Acreditar? Acreditar em quê?

Os seis amigos cercavam Alexandre.

Geraldo falou:

— No sobrenatural, meu querido amigo…

Os olhos de Alexandre estavam arregalados, procurando, através da iluminação precária da última vela, enxergar cada rosto que o cercava.

— Mas… o que vocês estão tentando me dizer?

— Alexandre. — falou Sílvio, também com suavidade. — Você topa se todos nós formos agora ao cemitério da colina?

Alexandre riu-se novamente, com a mesma franqueza:

— Ao cemitério? É claro! Ou você pensa que eu caí nessas histórias?

Os amigos se entreolharam. Havia concordância entre eles.

— Então vamos, Alexandre… — convidou Sílvio. — Venha conosco…

— É claro que eu vou! Quero acabar de uma vez por todas com essa bobagem de vocês!

Abriram a porta pesada e saíram para a varanda.

A chuva continuava, um pouco mais fraca.

Geraldo e Sílvio pegaram duas pás sujas de lama que estavam encostadas na parede externa.

Apertando-se dentro dos casacos, para protegerem-se do frio, os sete desceram os poucos degraus da varanda e caminharam pelo jardim, em direção à colina.

Um relâmpago distante iluminou a colina por trás, recortando as cruzes contra o horizonte.

Alexandre tremia de raiva.

— Aonde vocês querem chegar? Aonde vai dar toda essa loucura?

Ninguém respondeu.

Na frente do grupo, Sílvio e Geraldo apertaram o passo.

Logo, tinham chegado ao pequeno cemitério abandonado.

Pararam à beira de um monte de terra recém-escavada.

— O que vocês estão pretendendo? Por Deus, o que é isso?

Sem nada a dizer, Sílvio enfiou a pá na terra, forçando-a com o pé. Geraldo o seguiu, cavando com vigor.

— Vocês vão abrir essa cova? Mas… o que é isso?

Ao seu lado, Márcia tocou-lhe o braço.

— Calma, meu amor…Sílvio sabe o que está fazendo…

Em pouco tempo, a pá manejada por Geraldo revelou um saco de lona amarela. Com cuidado, raspou a terra que encobria uma das extremidades.

Alexandre perdera a frieza por completo:

— O que é isso? Meu Deus, o que é isso?

Os dois amigos abriram o invólucro de lona revelando seu interior.

Novo relâmpago, intenso como a eternidade, iluminou tudo e os sete rostos estavam voltados para o fundo da cova.

Sílvio apontava para baixo, olhando desesperado para Alexandre. Sua voz ecoava por toda a extensão do cemitério:

— Você *tem* de acreditar no sobrenatural, Alexandre, meu querido amigo. Porque nós o enterramos há três dias. Veja! Você está nesta cova. *É* você! Você está morto, Alexandre! Você caiu da escarpa no meio da escalada, quando a tempestade começou. Estamos presos aqui! Não dava para esperar mais. Tivemos de enterrá-lo, Alexandre! Tente entender isso!

— Eu ficarei bem, meu amor! — declarou Márcia de mãos postas. — Eu te amo. Sempre vou te amar. Pode ir em paz!

No mesmo instante, uma rajada de vento varreu o cemitério. Parecia vir das entranhas da terra, levantando as folhas mortas que cobriam os túmulos. Parou como viera.

Em seguida à ventania, uma completa paz tomou conta do cemitério.

A chuva diminuiu e uma garoa leve, perfumada, envolveu os corpos molhados daqueles amigos.

Entreolharam-se. O grupo agora era de somente seis.

Alexandre não estava mais entre eles.

Geraldo pulou para dentro da cova e fechou a mortalha de lona, sem mais olhar para dentro. Pegou a pá e começou a repor a terra retirada, ajudado por Sílvio. Márcia estava calma. Ajoelhou-se à beira do túmulo e sorriu.

Beijou ternamente a ponta dos dedos e jogou o beijo na direção do túmulo.

Num sussurro, despediu-se, como se orasse:

— Descanse em paz, meu amor…

***